Aveiro, 16 de Janeiro de 1965 • Ano XI • N.º 532

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua de Homem Cristo, 20 — Telefone 23886 — AVEIRO

DA CRÍTICA

APONTAMENTO DE M. D.

A cada momento — e a propósito seja do que for, ainda a coisa mais comezinha — a gente lê, e ouve falar em «crítica destrutiva».

Claro que, se esta existe, isto é, se a frase tem, na realidade, foros de verdadeira, tem de existir, sem dúvida de nenhuma espécie, o seu antónimo, ou seja a «crítica construtiva»!

Declaro desde já, aqui muito à puridade, que não percebo, lá muito bem, a diferença que possa existir entre uma e outra, a não ser, claro está, subjectivamente.

Ora, para ver se, com razão ou sem ela, podemos destrinçar as duas, procuremos, antes de mais nada, a definição do termo «crítica», visto que o qualificativo para pouco serve, se de alguma coisa serve. Qualifica o substantivo, e é tudo. Mas, como, para estas coisas, sempre é bom um arrimo, que, às vezes, se tem por seguro, busquemos um dicionário, ainda que, no fim, as mais das vezes se tenha de observar que a resposta é... formosa, e não segura, como a *Leanor* de Bernardino.

Cá o temos: «*crítica, criticar*», etc. «*a arte de julgar as produções literárias, científicas ou artísticas, apreciação desfavorável.* «*Criticar*»: *fazer crítica, dizer mal*».

Ora nada disto nos enche as medidas, porque é pouco. Não chega a satisfazer o espírito menos exigente, na pesquisa da verdade verdadeira, isto porque, na acepção do termo grego — Krinein — (julgar), donde nos veio a palavra, mal definida, por sinal, também no latim, não cabe no nosso caso... lá muito bem. Mas... talvez possamos, já que tudo quanto dissemos não satisfaz, recorrer à definição filosófica, que nos ensina que é ela... «que estuda os critérios». E é por aí que vamos, com mais certeza, tirar a coisa a limpo. Assim, tomando isto como coisa mais lógica, teremos que crítica não é senão sinónimo de critério, opinião, maneira de ver, etc.. Mas, lá diz o povo, na sua *filosofia engarrafada*, de que, por sinal, anda cheia a nossa língua, como todas as outras, afinal, isto porque a *filosofia* popular é universal, e tem,

Continua na página 2

JUNTA DISTRITAL

Da Junta Distrital de Aveiro recebemos o bem elaborado «Plano de Actividade e Bases do Orçamento para 1965», do qual a seguir registamos alguns importantes passos.

A recente reforma tributária faz prever que o adicional de dois por cento que às Juntas Distritais é permitido lançar sobre as colectas das contribuições predial e industrial e dos impostos sobre a indústria agrícola e de capitais, liquidados para o Estado na área da sua jurisdição — Código

Continua na página 4

Há pouco mais de três décadas, do remate da **Arcada** que dá para a Ria, foi retirada, por exigências urbanísticas de então, a **Fonte da Praça**. Tinha história e tradição a velha fonte! E era bela, na sua singeleza. Retirada dali, pedra a pedra, pensa-se agora em reconstruí-la e assentá-la em local condigno. Tem o nosso inteiro aplauso a felicíssima iniciativa.

CONSIDERAÇÕES DO DR. ALVES MOREIRA NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Sobre a urgência da construção do MATADOURO DE AVEIRO

Registamos hoje as palavras proferidas na Assembleia Nacional pelo ilustre médico e deputado pelo Círculo de Aveiro Dr. Artur Alves Moreira, em 11 de Dezembro passado, numa oportuna e valiosa intervenção em que focou a necessidade urgente da construção do novo Matadouro de Aveiro.

É bem sabido ser preocupação do nosso Governo não descurar todas as realizações e problemas seus inerentes, de molde a proporcionar às populações das várias regiões do País meios que contribuam para o seu bem-estar e elevação do nível social.

Será, pois, partindo desta premissa que me atrevo a encarar um problema que, por se filiar precisamente nestes objectivos, tem merecido o justo reparo da população activa de Aveiro, que neste lugar represento como seu porta-voz.

Trata-se de pôr em evidência o caso, pois assim se poderá chamar, do novo matadouro municipal ou regional de Aveiro, conforme o queiram designar, de acordo com a finalidade e atribuições a que se destina.

Há já precisamente vinte anos, pois é, de facto, desde 1944 que o Município aveirense se vem preocupando, sempre com desvelado interesse, com a construção de um novo matadouro e seu apetrechamento adequado, já que o existente não é mais do que um arremedo daquilo que deve ser a sua instalação e se apresenta com paupérrimos dispositivos em edifício insalubre e sem as mínimas condições higiénicas compatíveis com o fim a que se destina.

De facto, é triste, mesmo muito triste e deplorável, o espectáculo que se depara a quem tem a ideia de visitar o local, pois a impressão que ressalta à vista, sobretudo quando em elaboração, é simplesmente fantasmagórica: o abate de gado destinado ao consumo público faz-se por métodos antigos, num ambiente sem as mínimas condições higieno-técnicas, pois as suas exíguas dimensões, o seu inexistente ou primitivo apetrechamento e a drenagem das suas escórias para o Canal Central da Ria dão-lhe um aspecto a todos os títulos reprovável, por repugnante.

Acresce ainda que na actual circunstância nem sequer basta às exigências de uma cidade que é capital de um distrito de forte densi-

Continua na página 3

UM ARTIGO DE ALVES MORGADO

MENSAGEM DE VIDA DO ESPAÇO CÓSMICO?

No dia 14 de Maio de 1864 — fez em Maio último um século — caiu sobre a crosta terreste uma chuva de meteoritos, que atingiu particularmente a região de Ortueil, na França.

O caso não teria a menor repercussão, se não se tivesse verificado um pormenor que assombrou os meios científicos: a existência de formas de vida avançada num dos fragmentos colhidos naquela altura.

Como se sabe, o nosso planeta está submetido a incessante bombardeamento de meteoritos. São destroços de astros que sucumbiram, vítimas de cataclismos ou das injúrias do tempo, que tudo condena a inelutável anabrose; são naves derrelictas, grandes ou pequenas, vindas das profundidades abissais do espaço; são «bocados de céu velho», como diz o povo, que andam à deriva e acabam por se precipitar na superfície da primeira massa que os atraia irresistivelmente. Os perigosos inimigos dos cosmonautas de amanhã!

A amosfera terrestre, ao exercer a sua função providencial de cortina defensiva do planeta contra o bombardeamento cósmico, é suficiente para volatilizar os bólides de pequenas dimensões. Quando os projécteis são de grande massa, a atmosfera já não pode exercer integralmente a sua missão de couraça protectora. Fragmentos, maiores ou menores, atingem o alvo, quando não toda a massa do bólide, como parece ter acontecido no dia 30 de Junho de 1908, na Sibéria. (Um sábio russo contemporâneo afirma que a catástrofe ocorrida nessa data, na região compreendida entre os rios Yenissei e Lena, ao norte do lago Baikal, se ficou devendo, não a um aerólito de dimensões monstruosas, mas ao impacto e explosão de uma nave ga-

Continua na página 3

Na morte do Actor Rafael de Oliveira

EVOCAÇÃO DO PROF. JOSÉ DUARTE SIMÃO

Os jornais do pretérito domingo, 10 do corrente, surpreenderam-nos dolorosamente com a inesperada notícia do falecimento deste querido actor, ocorrida na véspera, momentos após o findar do espectáculo da *sua companhia*, e no *seu teatro desmontável*, instalado na Venda - Nova, do concelho de Oeiras, quase subúrbios de Lisboa.

Lamentámos, sinceramente, o infausto acontecimento, como, decerto, hão-de tê-lo lamentado tantas e tantas centenas, milhares até, de admiradores e amigos que, durante mais de meio século de actividade nos palcos, através do

Continua na página 3

DA CRÍTICA

Continuação da primeira página

às vezes, um sabor que não há igual, porque diz tudo, porque tudo resume, e nada poupa: «cada cabeça, cada sentença»; «quem fez a casa na praça...» o que significa que, quem vem a público, seja em que circunstância for, se tem de sujeitar, quer queira, quer não, à opinião alheia, ou, talvez melhor: está sujeito a que os outros discordem, quer da sua opinião, quer da sua maneira de pensar, ou de agir. Assim posta a questão — e nem honestamente, ela pode ou deve pôr-se de outra maneira, **criticar**, não importa quem, nem o quê, nem como, quando e nem onde, é simplesmente discordar, ter opinião diferente, estar ou ficar insatisfeito com, ou por qualquer coisa. Ora o homem é o eterno insatisfeito, e, estamos em crê-lo, no dia em que tal coisa deixasse de acontecer, atingiríamos, ou o cáos, ou a perfeição absoluta, o que é impossível, por mais que a ciência avance e o homem se cultive, por mais que o homem conheça e o aplique, por mais, enfim, que a humanidade caminhe para aquilo que em matemática se chama a teoria dos limites! *Ergo*, discordar é humano, lógico, natural e, mais do que isso, necessário mesmo, seja qual for o campo em que nos situemos, seja qual for o lugar em que nos encontremos, seja qual for o assunto em questão.

Admitamos, então, o critério, ou a crítica, como uma coisa séria, necessária, tão necessária ao homem como o pão para a boca, ainda que não seja senão para não admitir que todo o resto do mundo é cego, ou que todos os que nos cercam não são mais do que perfeitos imbecis. Podemos classificar esse critério como apreciativo, ou depreciativo, se quisermos particularizar, e não generalizar. Mas, no primeiro caso, ou seja no de ser apreciativo, ou ele tem de se incondicional, ou condicional. O incondicional é, na generalidade, calculista, no melhor dos adjectivos; o condicional, esse, tanto pode induzir no, como louvar o pior dos erros, porque... vira com os ventos. Mas não deixa de ter os seus convenientes!

No segundo caso, ou é filho da justiça, ou da injustiça. Mas a injustiça nem sempre destrói, como nem a justiça sempre constrói. Mas todos os critérios, *una voce*, obrigam à ponderação, à cautela, ao *cave, ne cades*, à ideia de fazer mais e melhor, isto no caso de gestação honesta, e não na de gerar por gerar e só porque temos de fazer, para fazer alguma coisa, e para que nos tomem por alguém. Mas nada, da crítica, pode atingir o criticado, isto porque tudo o que é bem feito o mantém o bom senso, o conserva o tempo, o eterniza a necessidade, ou o bom gosto geral, e suporta-o o tempo, que nada a ele se atreve, nem o camartelo mais louco!

Só, por conseguinte, pode chamar-se, mas malèvolamente, *«crítica destrutiva»* àquilo que nós julgamos perfeito, porque o fizemos, julgando-o indestrutível e absoluto.

Ora, foi por isso mesmo que o homem, que, a certa altura, no seu governo geral, viveu sob o regimen patriarcal, passou ao absoluto, depois do constitucional e a república, e, nem por isso, se julgou absolutamente satisfeito e contente, ou plenamente à vontade.

Depois do raciocínio que até aqui nos trouxe, é bem fácil deduzir que nenhuma espécie de crítica, nem mesmo a suposta mal intencionada, porque a intenção é da consciência — e essa é um sacrário impenetrável — é destrutiva, mas é, antes, toda ela, construtiva, necessária, pois, sem ela, nem o homem, no seu egoísmo tolo, encontraria espinhos, nem dificuldades, capazes de moldar, no cadinho do tempo, o homem autêntico, completo, íntegro e perfeito! Que eu até suponho, cá para mim, está bem de ver, que, não pensar assim é dar de si uma triste ideia. E assim, sem querer ir mais longe, que o assunto não só é vasto, mas inesgotável, podemos deduzir que criticar não só não é destruir, mas é, antes, construir, ou, pelo menos, ajudar a construir, seja qual for a crítica que se faça, que até a dita malévola é de molde a levar-nos a fazer mais, e melhor, pelo menos... se melhor no-lo indicarem, para fazer como deve ser feito!

M. D.

Matadouro de Aveiro

Continuação da primeira página

dade demográfica, o que determina que grande parte da matança seja efectuada em instalações pertencentes a particulares, dispersas pelo concelho e, naturalmente, sem os mínimos requisitos necessários para a prática de tal fim, pela improvisação a que obedecem.

A tal respeito poderei citar o expressivo relatório publicado no *Diário do Governo* n.º 127, 2.ª série, de 3 de Junho de 1935, e que é do teor seguinte:

Em boa verdade, Aveiro não tem matadouro, pois não merece tal nome o velho barracão em ruínas onde presentemente se faz a matança do gado grosso e das reses miúdas.

E o que se dizia em tal data tem ainda pleno cabimento na actualidade!...

Tal estado de coisas deve-se essencialmente ao facto de a todo o momento se aguardar seja autorizada a construção do novo matadouro, o que, implicitamente, tem obstado a que se façam quaisquer obras de adaptação no velho edifício, já que qualquer investimento a fazer resultaria sem qualquer utilidade futura, dada a impossibilidade de se continuar por mais tempo a laborar nas actuais instalações, sem as mínimas condições e sem quaisquer perspectivas para o local.

Como disse, as administrações municipais, que de há vinte anos vêm encarando frontalmente a solução de tão angustiante problema, têm, numa sucessão quase ininterrupta, procurado satisfazer os requisitos exigidos para a construção de um matadouro compatível com as exigências do concelho de Aveiro e, até, com fartas possibilidades de englobar os concelhos limítrofes.

Mensagem da Vida do Espaço Cósmico?

Continuação da primeira página

láctica movida a energia nuclear!).

A chuva de 1864 foi banal, semelhante a milhões de outras, ocorridas antes e depois dessa data, e o facto de ter ficado na história deve-o ao «descobrimento» de formas avançadas de vida num dos fragmentos recolhidos em Ortueil. O mísero destroço foi encerrado num boião de vidro selado, conservando-se no Museu de História Natural de Montauban, em França, até 1962, data em que transitou para a Universidade de Chicago, onde foi examinado meticulosamente, até Dezembro findo, por alguns homens de ciência. Mas ninguém acredita na autenticidade das manifestações de vida nele observadas: sementes de plantas embebidas na matriz do meteorito, partículas de carvão, etc.. Nunca se tinha verificado tal fenómeno, em milhões de fragmentos caídos da crosta terrestre, antes de 1864, nem depois desta data se registou a repetição do facto. Os sábios do Instituto de Estudos Nucleares Enrico Fermi atribuem os sinais de vida impressos no meteorito de Ortueil a uma fraude «monumental» cometida há um século por um cientista «doublé» de humorista. Será assim, na verdade?

Alves Morgado

Na morte do Actor Rafael de Oliveira

Continuação da primeira página

país inteiro, soube grangear.

E' que Rafael de Oliveira, sobre ser um actor probo, consciente e honesto, tinha a paixão inveterada das lides teatrais, que sempre cultivou com carinho e acerto, ao sabor dos gostos do grande público, e de mistura com um trato lhano e afável, que só lhe carrilavam extremos de simpatia por onde quer que passasse.

Com o *seu teatro desmontável*, e rodeado de colaboradores e artistas da mesma estirpe, — alguns de superior merecimento, — e familiares na maior parte, percorreu o país, de lés-a-lés, levando ao público de quase todas as cidades e vilas, e até algumas aldeias — os primores do teatro sério, do *bom teatro*, em suma, de forma a colher sempre fartos aplausos, e, sobretudo, conquistando, para si e para a **Companhia Rafael de Oliveira**, a simpatia e estima de todas as camadas auditoras.

Aqui esteve em Aveiro, desde o verão de 1957 até fins de Janeiro de 1958, mimoseando-nos com representações de elevado nível artístico, com peças de todos os géneros, que todas elas a sua companhia representava com indiscutível aprumo e galhardia.

Da sua prolongada estadia resultaram profundas amizades e desvelada estima entre as gentes citadinas, e que Aveiro, certamente, não esqueceu ainda.

De verdadeira consagração, até, foi a festa de homenagem e despedida, levada a efeito no Teatro Aveirense, na noite de 31/1/958, em que os *amadores* de Aveiro, representando um *a-propósito* especialmente escrito — «O Juizo Final» — quiseram patentear-lhe todo o seu apreço, estima e admiração, já pelos componentes da companhia, já por aquela organização modelar que servia o Teatro com todo o entusiasmo e devoção.

E as palmas do público, nessa memorável noite, foram a verdadeira consagração de Aveiro para a Companhia Rafael de Oliveira.

Depois, foi o debandar da feira, em busca de novos rumos, trabalhando no Teatro e para o Teatro, levando a toda a parte aquela beleza peregrina que no mesmo Teatro e na sua arte se contém. Chega-nos agora, a notícia fatal do desaparecimento de Rafael de Oliveira, e não podia deixar de emocionar-nos profundamente, e a todos quantos com ele privaram. Com ele desapareceu um dos poucos abencerragens do teatro romântico, e uma daquelas figuras para quem o palco e o Teatro foram a preocupação dominante de toda a sua vida, e, até, a razão de ser de toda a sua existência, e sempre serviu com devotamento e a mais desvelada abnegação.

Por um singular capricho do destino, este homem e este actor, que durante 52 anos viveu do e no palco e para o palco — foi ainda no palco que a morte veio surpreendê-lo, pouco depois do descer do pano sobre o último acto da peça representada na noite de 9 de Janeiro, cumprindo-se assim — porque mistérios?... — o desejo que sempre manifesiou de morrer no palco.

Havia de ser esta a derradeira homenagem que a própria morte quis à sua nunca desmentida devoção pelo Teatro.

Nestas singelas palavras, em que também desejo testemunhar o meu grande apreço e estima por todos os elementos da Companhia do Teatro Desmontável de Rafael de Oliveira, vai a derradeira homenagem de quem tanto apreciou as qualidades e virtudes do finado.

Aveiro, Janeiro de 1965

José Duarte Simão

Após a representação de «Juizo... Final», os amadores aveirenses, intérpretes da peça, ofereceram à Companhia Rafael de Oliveira uma faiança artística

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Iluminação do porto de Aveiro

A avenida marginal do porto bacalhoeiro, desta cidade, oferece agora óptimas condições de trabalho nocturno uma vez que entrou já em funcionamento a primeira fase de electrificação daquele porto.

Reunião de Trabalhos dos Presidentes das Câmaras Municipais

Realizou-se ontem, em Estarreja, uma reunião de trabalhos do sr. Governador Civil de Aveiro com os presidentes e os chefes de secretaria de todas as Câmaras Municipais do Distrito, no prosseguimento de reuniões similares anteriormente efectuadas com vista à coordenação da acção municipal no Distrito de Aveiro.

Cine-Clube de Aveiro

Retomando a sua actividade normal, o Cine-Clube de Aveiro promove na próxima sexta-feira, dia 22, uma sessão de cinema dedicada aos seus associados.

Será exibido, no Teatro Aveirense, o filme «A Grande Guerra», realizado por Mario Monicelli e interpretado por Vittorio Gassman, Alberto Sordi, Silvana Mangano, Folco Lulli e Bernard Blier.

Conferência

Na próxima sexta-feira, dia 22, pelas 21.30 horas, no salão nobre do Grémio do Comércio, proferirá uma conferência, ilustrada com gravações de música brasileira, a ilustre Directora do Conservatório Nacional do Rio de Janeiro, sr.ª D. Helena Lorenzo Fernandez, que se desloca à nossa cidade, a convite do Conservatório Regional.

Aguardada com justificado interesse, esta realização, que tem a colaboração do Clube dos Galitos, integra-se no movimento cultural Luso-Brasileiro com a Pró-Arte, que a patrocina, e tende a um maior intercâmbio entre os dois países.

Além de distinta professora, a sr.ª D. Helena Lorenzo Fernandez é uma consagrada artista, tendo actuado em numerosas capitais, entre as quais Lisboa, onde se fez ouvir, sob a regência do nosso grande e saudoso maestro Pedro de Freitas Branco.

Sindicato dos Empregados de Escritório

A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório está a diligenciar levar a efeito nesta cidade, para os seus filiados, cursos, palestras e conferências atinentes ao aumento de produtividade administrativa, para o que já esteve em contacto com os Sindicatos congéneres de Porto e Coimbra e o Centro de Estudos de Organização de Escritórios, que funciona junto do Sindicato de Lisboa.

Baile dos Finalistas da E. I. C. A.

A Comissão do Baile dos Finalistas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro recebe propostas para os serviços de mesa do seu baile a realizar no Teatro Aveirense, no dia 6 de Fevereiro, agradecendo que as mesmas sejam enviadas para o seguinte endereço:

Comissão do Baile — Escola Técnica — Aveiro.

O Aniversário do «Grupo Universitário de Danças Regionais» da Associação Académica de Coimbra

O *«Grupo Universitário de Danças Regionais»* da Associação Académica de Coimbra comemora no próximo mês de Fevereiro o décimo ano das suas actividades com o seguinte programa de festas:

Dia 19 — às 0 horas — Serenata Monumental na Sé Velha; às 16 horas — Abertura da Exposição de actividades do G. U. D. R., Etnografia e folclore; às 22 horas — Conferência de Folclore por um elemento do G. U. D. R..

Dia 20 — às 16 horas — Ensaio para os antigos elementos do G. U. D. R.; às 21.45 — Sarau no Teatro Avenida pelo G. U. D. R..

Dia 21 — às 10 horas — Missa; às 13 horas — Almoço de confraternização; às 15.30 horas — Baile.

A Direcção do G. U. D. R. agradece aos antigos elementos interessados em participar nos festejos comemorativos, que entrem imediatamente em contacto com ela, indicando os seus actuais endereços.

JUNTA DISTRITAL

Continuação da primeira página

Administrativo, art.º 784.º — motive um considerável aumento nas receitas deste Corpo Administrativo, mais acentuado por força do preceituado no Decreto-Lei n.º 44 187, de 14 de Fevereiro de 1962, que veio permitir às Juntas Distritais arrecadarem o adicional sobre a contribuição industrial, relativamente às actividades de sociedades anónimas ou comanditas por acções da circunscrição industrial, mas com sede fora do Distrito.

De acordo com as receitas a arrecadar, pensa este Corpo Administrativo levar a cabo os seguintes cometimentos:

A — INSTALAÇÃO DOS SERVIÇOS

Aprovado já o anteprojecto respeitante à adaptação do edifício anexo ao Asilo-Escola para sede dos Serviços, julga-se que no primeiro trimestre do próximo ano poderá dar-se início à respectiva obra, contando-se para o efeito, com a imprescindível comparticipação do Estado.

B — ASILO-ESCOLA DISTRITAL DE AVEIRO

Dado que as actuais instalações não reunem um mínimo de condições indispensáveis ao regular funcionamento dos Serviços e atendendo a que uma eficiente instalação do Asilo-Escola virá ajudar a resolver melhor o problema assistencial, no que respeita a menores do sexo masculino, urge, sem demora, levar a cabo a respectiva obra de construção. Para tal fim, não se poupou a Junta a esforços, procurando o maior número possível de hipóteses e estudando todas as propostas que lhe foram submetidas àcerca da localização de tão meritória Obra. Ponderado devidamente o assunto, conclui-se que a Quinta do Forte, no lugar do Bonsucesso, freguesia de Aradas, deste concelho, reune todas as condições desejadas pelo que, para aquele efeito, foi deliberado adquiri-la. Após a elaboração do respectivo projecto espera-se dar início à referida Obra ainda no ano de 1965.

A construção será orientada no sentido de poder dar aos jovens internados uma sólida preparação profissional, teórica e prática, que faça deles técnicos desejados pelas actividades industriais e agrícolas.

C — FOMENTO

I — Serviços Técnicos de Fomento

Encontram-se em pleno funcionamento os respectivos Serviços, sendo cada vez maior o número de estudos e projectos mandados elaborar pelos Municípios do Distrito. Em ordem a satisfazer com a possível prontidão todos os pedidos solicitados, torna-se necessário criar um lugar de arquitecto e outro de desenhador e, no quadro do pessoal menor, especializado e operário, o de contínuo-telefonista.

Afigura-se-nos que o respectivo quadro, que então ficará composto por um engenheiro-chefe, um engenheiro, um arquitecto, um topógrafo e três desenhadores, será suficiente, por agora, para dar satisfação tanto à elaboração de estudos e projectos como à prestação de assistência técnica.

II — Parque de Máquinas

Dentro do espírito que presidiu à criação das Juntas Distritais, é nossa preocupação dominante levar a cabo, no limite das possibilidades financeiras, todos os empreendimentos que possam vir a traduzir-se em benefício para os Municípios do Distrito. Nesta ordem de ideias, estuda-se a possibilidade da instalação de um parque de máquinas devidamente apetrechado, que, efectivamente, possa auxiliar as Câmaras Municipais nas respectivas obras e melhoramentos.

D — CULTURA

Estuda-se a possibilidade da instalação, mesmo provisória, do MUSEU ETNOGRÁFICO E DO ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO. Foi deliberado convidar os Senhores Dr. António Manuel Gonçalves, Capitão-Tenente Agostinho Simões Lopes, Dr. Orlando de Oliveira, Monsenhor Aníbal Ramos, Dr. Francisco Ferreira Neves e Gaspar Albino, na qualidade, respectivamente, de Director do Museu de Aveiro, Capitão do Porto de Aveiro, Presidente da Comissão Municipal de Cultura, Reitor do Seminário de Aveiro e Director da Revista «Arquivo de Aveiro», para fazerem parte da Comissão Executiva do Museu Etnográfico, que será presidida pelo Representante da Junta, o Vogal Senhor Dr. Humberto Leitão.

Dedicar-se-á especial atenção à recolha de materiais que, juntamente com o painel «NOSSA SENHORA DO MAR» irá formando o recheio do futuro Museu e Arquivo.

Todas as associações e institutos culturais do Distrito continuarão a ter todo o apoio moral e financeiro que a Junta possa prestar-lhes.

E — ASSISTÊNCIA

Dado que em matéria de assistência — conforme foi entendido superiormente compete às Juntas Distritais administrar os estabelecimentos a seu cargo, isto é, aqueles que transitaram para a sua administração por força da extinção das Juntas de Província, não poderá este Corpo Administrativo criar novas obras assistenciais.

Em ordem a procurar-se uma assistência equitativa, em relação a todos os concelhos do Distrito, consideramos da maior importância a construção e aumento da capacidade do novo Asilo-Escola Distrital de Aveiro. Conta-se, para o efeito, com a imprescindível comparticipação dos Ministérios das Obras Públicas e da Saúde e Assistência, que a verificar-se, possibilitará a construção, muito brevemente, dos respectivos imóveis.

No tocante às Casas da Criança pensa-se levar a cabo obras de beneficiação e conservação nas de Águeda e Albergaria-a-Velha e proceder-se às obras de ampliação da Casa da Criança da Mealhada, consideradas muito urgentes em virtude de não suportar maior número de crianças e não ter instalações para o pessoal.

Gota de Leite

A exemplo dos anos anteriores, a «Gota de Leite» distribuiu pelas crianças pobres, inscritas, 76 enxovais, brinquedos e bolachas, estes últimos oferecidos pela prestimosa Direcção do Clube dos Galitos.

O acto realizou-se no dia 6 do corrente, como estava estabelecido, com a comparência das senhoras de Leite de Faria e M. Faria, que fizeram a distribuição.

Concorreram com donativos ou roupas: a família Soares Machado D. Maria Alice Faria, D. Ana Augusta Tavares, D. Rosa Lopes, D. Júlia Candal, D. Maria Luísa Mascarenhas, D. Dídia Estrela Santos, D. Isabel Farto Ramos, D. Maria Regina Soares, D. Ascensão Salgueiro, D. Zulmira Casimiro, D. Conceição Salgueiro, D. Fernanda Pires, D. Pompília Martins, D. Leontina de Oliveira Pinto, D. Maria Ala dos Reis, D. Ângela Vale, D. Auzenda Amador, D. Marília Mourisca Vidal, D. Maria Gamelas Teixeira, D. Hermiliana Tavares Barreto, D. Rosa Gomes Paiva (Ílhavo), Alunas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, Escola Feminina da Glória, Dr. José Tavares, Fábricas Aleluia, Mobil Portuguesa, Shell Portuguesa, Trindade Filhos, António Barroca (Califórnia), Cap. Ferreira da Silva, Dr. Francisco Vale Guimarães, Delfim Ferreira Sardo, Engº Ângelo Ramalheira, Junta da Freguesia da Vera-Cruz, Junta da Freguesia da Glória, Governo Civil de Aveiro (através da Com. Municipal de Assistência), Dr. Manuel Machado Santos (Ílhavo), Dr. Augusto Dias, Alunos da Escola Industrial e Comercial de Aveiro e Clube dos Galitos.

Por outro lado, a «Gota de Leite» viu crescer o número de sócios subscritores devido, principalmente, à dedicação do sr. Dr. Assis Maia, digno secretário da instituição.

A receita durante o ano atingiu 93 contos e a despesa à roda de 77 000$00.

Faleceram:

D. Rita Freitas da Costa

No dia 30 do mês findo, faleceu em Aveiro a sr.ª D. Rita Freitas da Costa.

A bondosa senhora era irmã dos conhecidos comerciantes desta praça srs. António e Artur Freitas da Costa.

Manes Nogueira Júnior

Após longo e confirmado sofrimento, faleceu, na sua residência em Aveiro, na manhã de 2 do corrente, o antigo funcionário da *Mobil Oil Portuguesa* sr.Manes Nogueira Júnior.

O saudoso extinto, que contava 64 anos de idade, era dotado de nobilíssimas virtudes e qualidades. Pessoa de trato afável, a permanente jovialidade que tanto o distinguia tornara aliciante o seu convívio.

Por isso contava amigos devotados em quantos o conheciam.

Na sua mocidade dedicou-se afincadamente a várias modalidades desportivas, entre elas o remo e a vela, tendo-se sempre distinguido pelo seu valor e correcção. Mais tarde viria a integiar um dos mais dinâmicos elencos directivos do Sport Clube Beira-Mar.

O sr. Manes Nogueira Júnior deixa viúva a sr.ª prof.ª D. Idalinda Ferreira Nogueira; era pai da sr.ª prof.ª D. Maria Etelvina Nogueira da Cruz Bento; irmão das sr.ªs D. Maria José Nogueira Garcia, D. Maria Eugénia Nogueira Ferreira e D. Fernanda Nogueira Pinheiro; cunhado dos srs. Lucílio Garcia, Dr. Pedro Augusto Ferreira e Agostinho Pinheiro, dos srs. João Ferreira Patacão e Bruno Ferreira Patacão e das sr.ªs D. Rosa e D. Maria Ferreira Patacão; sogro do sr. Capitão da Cruz Bento; e avô da menina Maria João Nogueira da Cruz Bento.

O funeral realizou-se no no dia imediato, com grande acompanhamento, sendo portador da chave da urna o antigo Chefe do Distrito de Aveiro sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, que, como seus irmãos, se considerava ligado à família do saudoso finado.

D. Dulce Marques de Carvalho

No dia 5, faleceu a sr.ª Dulce Marques de Carvalho, extremosa mãe das sr.ªs D. Agnela Baptista dos Santos e D. Maria das Dores e do Subchefe de Finanças de Aveiro, sr. Bernardo Marques dos Santos; sogra do sr. Manuel Simões Neto; e avó dos srs. João Luís A. M. Santos, estudante universitário e da sr.ª D. Maria Regina A. M. Santos, esposa do sr. Amílcar de Freitas Correia dos Santos.

D. Laura Osório

No dia 8, faleceu a sr.ª D. Laura Marques Ferreira Osório.

A saudosa extinta, muito conhecida, considerada e estimada na cidade por suas virtudes e qualidades, era esposa do conceituado comerciante local sr. António Pereira Osório e mãe da sr.ª D. Laura Ferreira Osório de Almeida, casada com o sr. Alberto de Almeida.

D. Maria Rosa de Jesus

No mesmo dia, faleceu a sr.ª D. Maria Rosa de Jesus, esposa do sr. Ângelo da Silva Pádua.

A saudosa e bondosa extinta era mãe da sr.ª D. Silvina Pádua Abrantes, Agílio e Carlos da Silva Pádua; e sogra do sr. José Abrantes Azenha.

D. Maria Etelvina Caldeira

Faleceu, no dia 10, a sr.ª D. Maria Etelvina da Silva Caldeira.

Muito respeitada por suas qualidades, a saudosa extinta era mãe do sr. Capitão Fernando Caldeira Bettencourt, casado com a sr.ª D. Rosa da Silva Bettencourt, e avó da sr.ª D. Maria Etelvina Bettencourt e do sr. Eng.º José Fernando Bettencourt.

Às famílias enlutadas, os pêsames do Litoral

Agradecimento

da família de Albino de Almeida

Sua esposa, filhas e genros, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral do saudoso extinto, ou que, por qualquer forma, os acompanharam na sua dor.

D. ROSA FERREIRA VINAGRE

Agradecimento

Florinda Ferreira Vinagre e mais Família, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenham agradecido pessoalmente a quantos se associaram à sua dor, pelo falecimento de sua mãe e parente, vêm fazê-lo por este meio, a todos manifestando o seu profundo reconhecimento.

Cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 16 — As sr.ªs D. Maria José Sousa Vieira Torres Villas, esposa do sr. Rui Torres Villas, e D. Maria da Glória Figueiredo da Cruz Gadim, esposa do sr. João Carlos Gadim de Almeida; o sr. Manuel da Fonseca Marques; a menina Maria da Saudade Tavares de Sá, filha do sr. Raul de Sá Seixas; e o menino José Joaquim Graça Moreira, filho do sr. Tenente-coronel José Álves Moreira.

Amanhã, 17 — As sr.ªs D. Clélia da Conceição Neto Gamelas, esposa do sr. Amílcar Henriques Gamelas, D. Rosa de Oliveira Gomes Estima Rino, esposa do sr. António Ferreira Estima Rino, D. Crisanta Soares Rodrigues e D. Lassalette Simões Ratola; o Rev.º Padre António Resende; os srs. Manuel Marques Liberal e António Brum de Sousa Dourado; as menias Maria Manuela de Oliveira Cardoso, Maria da Conceição da Graça Azevedo Neto, filha do sr. João José Azevedo Neto, e Maria Preciosa Azevedo Alves Novo, filha do sr. Augusto Alves do Novo Júnior; e o menino José Maria, filho do sr. José Maria Martins Pereira.

Em 18 — A sr.ª D. Maria do Carmo Paula Santos, esposa do sr. Capitão Luís Paula Santos; e os srs. Fausto de Resende Ferreira; Reinaldo Correia Rito e Fernando Fonseca de Almeida.

Em 19 — As sr.ªs D. Ema Cunha Morgado dos Reis, esposa do sr. Ernesto Amorim dos Reis, aveirense residente em Luanda; e D. Maria José de Lemos Manoel (Atalaya); os srs. Alberto Monteiro dos Santos Pereira e Carlos Miguéis Picado, aveirense ausente em Benguela (Angola); e a menina Maria José Camarinha da Cunha, filha do sr. Artur Cunha.

Em 20 — As sr.ªs D. Maria do Carmo Ferreira das Neves, esposa do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves, D. Maria da Graça Roque Abrantes Pratta, e D. Maria da Luz Monteiro dos Santos Pereira; e os srs. António Maria Duarte Vieira Gamelas e Teodoro Vicente Ferreira, aveirense residente em Angola.

Em 21 — As sr.ªs D. Maria da Soledade Simões Gamelas, esposa do sr. José dos Santos Gamelas, e Prof.ª D. Maria Henriqueta de Azevedo Rito; os srs. Capitão Júlio Simões de Sousa da Silva, José António de Morais Sarmento Quina Domingues e Armando Diniz Pinto; a menina Ana Maria de Pinho Seiça Neves, filha do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves; e os meninos Francisco Manuel, filho do sr. Francisco dos Santos da Benta, co-proprietário deste jornal, e Manuel Luís, filho do sr. Pedro de Vilhena.

Em 22 — As sr.ªs D. Helena de Macedo Ribeiro Madeira, esposa do sr. Dr. Adérito Madeira, D. Maria da Conceição Gonçalves Pereira, esposa do sr. Júlio Pereira, e D. Maria Castro de Jesus, esposa do sr. José Mateus Júnior; as meninas Maria Eneida Paiva Martins, filha do sr. Henrique Nunes Martins e Maria Tereza da Piedade Martins, filha do sr. Arménio Martins; e o menino José Paulo Pitarma Gonçalves, filho do sr. Clemêncio dos Santos Vaz Gonçalves.

VIAGEM DE ESTUDO

Acompanhado de sua esposa e do Administrador da Companhia Portuguesa de Celulose sr. Dr. António Ferreira de Almeida, parte amanhã de avião, com destino a Paris e Londres, o sr. Dr. José Manuel Portocarrero Canavarro, Chefe de Serviços Técnicos da Fábrica de Cartão Canelado daquela empresa, que vai visitar importantes unidades fabris congéneres, em França e na Inglaterra.

NASCIMENTO

No dia de Natal, nasceu no Porto, no Hospital da Ordem de S. Francisco, o primeiro filhinho ao casal da sr.ª D. Maria Irene Veiga Simão e do sr. Eng.º José Catão Martins Pereira.

Os nossos parabéns

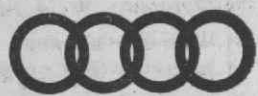
DE VISITA

De visita a seus pais esteve nesta cidade o sr. Eng.º José de Sousa Machado Ferreira Neves, acompanhado de sua esposa e filhas.

PEDRO GRANGEON

Foi recentemente operado no Porto o sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Director do Banco Regional de Aveiro e dinâmico dirigente da Acção Católica em Aveiro, a quem desejamos a continuação das melhoras e pronto restabelecimento.

PADRE ANTÓNIO BRÁSIO

Tivemos o prazer da visita, por uns dias, do Rev.º António Brásio, notável historiógrafo e nosso ilustre colaborador.

Contribuição para o estudo do Policiário em Portugal

Continuação da última página

este apontamento, cumpre-nos dizer uma palavra sobre ele.

A paternidade do termo é geralmente atribuída a Fernando Pessoa. Silva Bastos, na História da Censura em Portugal, utilizou-o também com o significado de instituição restritiva das liberdades sociais ou humanas: a Inquisição e o Jesuitismo, os dois famosos policiários da Contra-Reforma.

Fialho de Almeida criou em Saibam Quantos, outro neologismo equivalente, o policiaco: sem investidura legal ou competência policiaca de nenhuma espécie.

Temos assim que pelo menos dois dos nossos clássicos e um historiador de insuspeita competência não desdenharam criar ou adoptar do francês policière neologismos de valor equivalente ou aproximado.

Cremos que a razão está do seu lado, porque segundo o parecer de grandes filólogos, os neologismos são considerados necessários para enriquecer a lingua quando a terminologia técnica não possua vocábulos para definir ou designar objectos e coisas criados ou renovados, ou ainda para exprimir algo a que não corresponda nenhum termo existente. Se assim não fosse, a lingua deixaria de ser um instrumento vivo criado pelo povo e tornar-se-ia intérprete obsoleto do pensamento, incapaz de designar, por meios de expressão próprios, novas conquistas e descobertas do homem.

Ora, é justamente o caso da palavra policiário como designativa da actividade de pessoas que, sem poderem ser consideradas com propriedade agentes da autoridade, detectives amadores ou escritores do género policial, cultivam de alguma forma a técnica da criminologia e se dedicam, com maior ou menor sucesso, utilidade ou talento, à divulgação, defesa e dignificação da Literatura Policial.

Existindo no nosso País algumas centenas de individualidades que preenchem os requisitos apontados, e a comprová-lo estão a manutenção, com a aprovação superior do Ministério da Educação Nacional. de uma colectividade que há cerca de nove anos agrupa a sua maioria sob o nome de Clube de Literatura Policiária; a divulgação de pelo menos três programas radiofónicos, um televisionado e cerca de vinte e sete rubricas de publicação regular na nossa Imprensa (número apurado em 1962), logo julgamos ser legitima a utilização do termo.

Assim, e resumindo, temos que o neologismo policiário não pretende substituir o correcto policial, antes o pode completar em alguns casos, ajudando a classificar com clareza e rigor actividades não especificadas por aquele.

V – Actuais valores da Literatura Policial Portuguesa

Antes de fazermos uma breve e forçosamente incompleta citação dos actuais valores da Literatura Policial Portuguesa, consideramos imprescindivel definir o que entendemos por Literatura Policial, tentando destrinçá-la das espécies que pretendem interpenetrá-la e não raras vezes logram confundir o juizo de leitores desprevenidos.

A genuina Literatura Policial é construtiva e dignificante, significando a eterna luta entre o Bem eo Mal — entre o detective e o bandido. Reconhece-se pela ausência do matraquear dos revólveres, das cenas sanguinárias e degradoras, caracterizando-se por espirito vincadamente investigador e efabulação propicia a libertar a imaginação dos leitores, levando-os a congeminar as hipóteses mais dispares em relação a situações ou personagens suspeitas, enraizando o hábito de aquilatar de sentimentos e acções e canalizando todas a reflexões para o fim proposto: a decifração do enigma, partindo dos indicios gradualmente apresentados pelo autor, e a identificação com o espirito da Lei e da Ordem, mediante a simpatia irresistivel irradiada pelas forças do Bem.

É por esta literatura que se pugna e é por estas razões que se considera essencial, justo e sobretudo proveitoso e inteligente difundir a sã Literatura Detectivesca. Mais: só ajudando a Literatura Policial Portuguesa se pode fomentar uma escola apta a substituir com vantagem as obras de importação deseducadoras e deformadoras do espirito juvenil, de forma a conseguir-se a expurgação dos maus elementos.

Posto este preâmbulo que consideramosmos necessário para justa compreensão da causa da Literatura Policial Portuguesa, podemos agora fazer a citação e dizer que os seus actuais valores estão muito dispersos e afastados da Imprensa. Raramente aparecem nos jornais diários e muito pouco contribuem para a existência dos suplementos da modalidade que se publicam na Imprensa Regional.

Álvaro Barros Rosa, Américo Faria, Andrade Albuquerque, Artur Varatojo, Costa Salgueiro, Fernando Luso Soares, Francisco Branco, Gentil Marques, Joel Lima, Lino Mendes, Maria Archer, Mário Henriques Leiria, Mascarenhas Barreto, Roussado Pinto, Santos Carvalho e Vitor Palla são nomes que raramente aparecem. Publicam geralmente as suas obras sob pseudónimos e por intermédio deles são lidos e apreciados, o que nos força, paradoxalmente, a admitir a existência da Literatura Policial Portuguesa e a contestar a sua influência e contribuição efectiva junto do público, pelo menos daquele que só espaçadamente lê o seu livro policial mas não deixa de escutar um programa radiofónico e de ler as rubricas diivulgadas pela Imprensa.

JOSÉ CAMINHA

Nova Tabela de Publicidade

Devido às dificuldades que, desde há tempos e sobretudo ùltimamente, têm onerado os órgãos da Imprensa Regional, os jornais *Correio do Vouga*, *Jornal da Bairrada*, *Litoral* e *Lutador* resolveram, em reunião realizada no dia 8 do corrente mês de Janeiro, alterar os preços das suas tabelas de publicidade.

Para conhecimento dos nossos estimados anunciantes, publicamos a nova e uniforme tabela adoptada pelos referidos jornais, que começará a vigorar no próximo dia 1 de Fevereiro.

Página	900$00
1/2 página	500$00
1/4 de página	275$00
1/8 de página	150$00
1/16 de página	80$00
1/32 de página	45$00
1/64 de página	25$00
Texto, por linha (corpo 8)	2$00

DESCONTOS

4 Publicações	5 %
13 »	10 %
25 »	15 %
50 »	30 %

Nota —— Sobre o preço líquido dos anúncios acresce, como é de Lei, o imposto de 3 % a cargo do anunciante.

Continuação da última página

CICLISMO

passe em espectacularidade e valor desportivo. Esse objectivo dependerá não da nossa vontade, mas também de muitos factores, entre os quais avulta, em primeiro lugar, a colaboração que os Orgãos de Informação, nossos prezados colegas, houverem por bem dispensar-nos. Embora na certeza, de que constituimos uma poderosa força de informação, não pretendemos chamar a nós o exclusivo de uma acção de propaganda sem a qual a Volta não alcançaria o êxito que sempre a tem assinalado. Nesse sentido apelamos, pois, no próprio interesse da Volta, que o mesmo é dizer, do ciclismo nacional, para todos os nossos prezados colegas — da Imprensa, da Rádio e da Televisão, — ao mesmo tempo que lhes afirmamos o propósito de tudo fazer para no capítulo informativo, os colocar em plano de igualdade com os jornais organizadores.

Pròpriamente sobre a organização da Volta, poucos serão os pormenores que podemos adiantar, porque itinerário e outros aspectos técnicos dependem ainda de estudos em curso. Por hoje apenas duas informações objectivas — tantas quantas os próprios jornais organizadores darão agora a conhecer aos seus leitores: a 28.ª Volta a Portugal principiará no dia 29 de Julho e terminará no dia 15 de Agosto e haverá uma etapa com chegada em Espanha, e outra, subsequente desta, que terá o seu maior percurso no País vizinho.

Como informação complementar a seguir indicamos a constituição das Comissões da Organização da prova:

COMISSÃO EXECUTIVA

Manuel Joaquim Mota, Alfredo Baptista, Eduardo Guita Júnior, Jaime Amaro Caldeira e Alberto de Freitas.

COMISSÃO CONSULTIVA

Raúl de Oliveira, Abilio Gil Moreira, José Sampaio, Vicente Paulo Martins e Dr. Raúl Calado.

COMISSÃO DE PROPAGANDA

José Ilharco e José da Costa Carvalho

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Mário Gonçalves Costa e Henrique Ferreira da Cunha Júnior.

SECRETÁRIO DA ORGANIZAÇÃO

Manuel Alpiarça

Basquetebol

AMANHÃ
Marinhense — Illiabum

II DIVISÃO

A zona norte do Campeonato Nacional da II Divisão vai ser disputada nos moldes que vigoraram nas épocas findas. Teremos, na primeira fase, duas subséries de seis equipas, que entre si jogarão, em *poule* de duas voltas.

Feito o sorteio e elaborados os calendários, a jornada de abertura engloba os seguintes encontros:

Subsérie A - 1

Fluvial — Gaia
Educação Física — Esgueira
Sp. Figueirense — Sp. Caldas

Subsérie - 2

Olivais — Centro Universitário
Galitos — Leça
Ginásio Figueirense — Sangalhos

O desafio entre fluvialistas e gaienses foi antecipado para ontem. As restantes partidas estão marcadas para hoje à noite, excepção feita os prélios Sporting Figueirense — Sporting das Caldas e Olivais — Centro Universitário, que se disputam amanhã, de manhã.

Campeonatos de Aveiro

JUNIORES

Resultados da sétima jornada desta competição:

Sanjoanense — Amoniaco, 28-52
Esgueira — Galitos, 45-38
Sangalhos — Illiabum, 22-88

INFANTIS

Na sétima jornada, apuraram-se estes desfechos:

Sanjoanense — Amoniaco, 15-48
Esgueira — Galitos, 22-32
Sangalhos — Illiabum, 22-28
Juventude — Asilo, 24-12

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 16 — às 21.30 horas

Programa duplo, com os filmes **Fogo no Sangue** — com António Vilar e Marisa Leza; e **Tommy e o Doutor** — com Sandra Dee e Peter Fonda. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 17 — às 15.30 e às 21.30 horas
Segunda-feira, 18, — às 21.30 horas

Um filme português com Amália Rodrigues: **Fado Corrido.** Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 19, — às 21.30 horas

Fred Mac Murray e Polly Bergen na película **Um Presidente de Saias.** Para maiores de 17 anos.

Teatro-Cine Triunfo

Gafanha da Cale da Vila

Sábado, 16 — às 21 horas
Domingo, 17 — às 15 e às 21 horas

Uma película portuguesa, com António Vilar, Carmen Dolores e outros intérpretes — **Amor de Perdição.** Para maiores de 12 anos.

Atlântico CineTeatro

ÍLHAVO

Domingo, 17 — às 15.30 e às 21 horas

O Tirano de Siracusa

Quinta feira, 21, ás 21.30

Os Três Sargentos

No Salão Cinema (à tarde) baile com o Vista Alegre Jazz

Secção Regional de Coimbra

ORDEM dos ENGENHEIROS

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Art.º 21.º do Estatuto da ORDEM DOS ENGENHEIROS e ao abrigo do Art.º 25.º do mesmo Estatuto, convoco a Assembleia Regional da ORDEM DOS ENGENHEIROS, para reunir na Sede desta, à Rua do Brasil, N.º 38, em Coimbra, no dia 30 de Janeiro, a fim de serem tratados os seguintes assuntos:

a) Discussão e votação do Relatório e Contas do Conselho Regional de 1964

b) Apreciação do Orçamento aprovado pelo Conselho Regional relativo a 1965

c) Eleição do Presidente da Assembleia Regional para o triénio de 1964/1966

Esta Assembleia realizar-se-á de acordo com o estabelecido no § 3.º do Art.º 25.º do Estatuto e do modo seguinte: às 16 e 17 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar dos assuntos referidos nas alíneas a) e b); às 18 e 19 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar do assunto referido na alínea c).

Coimbra, 7 de Janeiro de 1965

O Vice-Presidente da Assembleia Regional, em exercício

José dos Reis Gonçalves

(Eng.º Civil)

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 4 de Fevereiro próximo, pelas 11 horas, no Palácio da Justiça desta comarca de Aveiro, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, dos direitos abaixo indicados, penhorados nos autos de Execução de Sentença que pela 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca o exequente António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, do lugar de Bonsucesso da freguesia de Aradas move contra os executados Silvério da Costa Ramos e mulher Celeste de Jesus Barbosa e Pompeu da Costa Ramos, solteiro, maior, ausentes em parte incerta da França, com o último domicílio conhecido no lugar de Mataduços da freguesia de Esgueira, com excepção daquela Celeste de Jesus Barbosa, que é moradora no dito lugar de Mataduços, direitos esses que vão pela 1.ª vez à praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido acima do valor indicado.

DIREITOS A ARREMATAR

1.º

O direito e acção a uma quinta parte de um terreno sito no Bragal, freguesia de Aradas, pertença do executado Silvério e mulher, inscrito na respectiva matriz sob o direito indiviso a um quinto do artigo 1 541 e que faz parte do prédio descrito na Conservatoria do Registo Predial desta cidade sob o número 21 605 a folhas 65 do Livro B. 59, que vai à praça por 810$00.

2.º

O direito e acção a uma quinta parte de um terreno sito no Bragal, terreno esse que é o mesmo do anterior direito e que é pertença do executado Pompeu já referido e que vai à praça por 810$00.

Por este meio são notificados os referidos Silvério da Costa Ramos e Pompeu da Costa Ramos, na qualidade de comproprietários, do dia e hora designados para a arrematação, os quais poderão usar do direito de preferência no acto da praça.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1965.

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ Ano XI ★ N.º 532 ★ 16-1-1965

CASA

Vende-se devoluta com páteo e quintal para semear, bom estado de conservação.
Tratar com o próprio na Rua da Pêga, n.º 31 em Aveiro

Aluga-se em Aveiro

— Junto à Polícia de Viação e Trânsito, em prédio de oito andares em conclusão:

a — Cave servindo para Garagem com cerca de 1.200 m².

b — Estabelecimentos com frentes para a Rua de Ílhavo e outros para a Avenida Araújo e Silva.

Recebem-se propostas, que devem ser dirigidas a este Jornal, ao n.º 257.

VENDE-SE

Um terreno na Travessa do Caião aprovado para construção; informa na Rua General Costa Cascais, n.º 17
ESGUEIRA

Esteno-Dactilógrafa

Correspondente
Português - Francês
Curso Geral dos Liceus
Oferece-se para lugar compatível
Resposta a esta Redacção

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que, no dia 28 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, sito no Palácio da Justiça, vai pela primeira vez à praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima do valor que adiante se indica, o imóvel abaixo identificado, penhorado à firma Manuel dos Santos Furão & C.a L.da, sociedade comercial, com sede em Ilhavo, nos autos de execução ordinária que pela 1.ª Secção do 1.º Juízo desta mesma Comarca lhe movem Nazaré de Jesus Imaginário, viúva, proprietária e outros, residentes no lugar de Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, também desta Comarca.

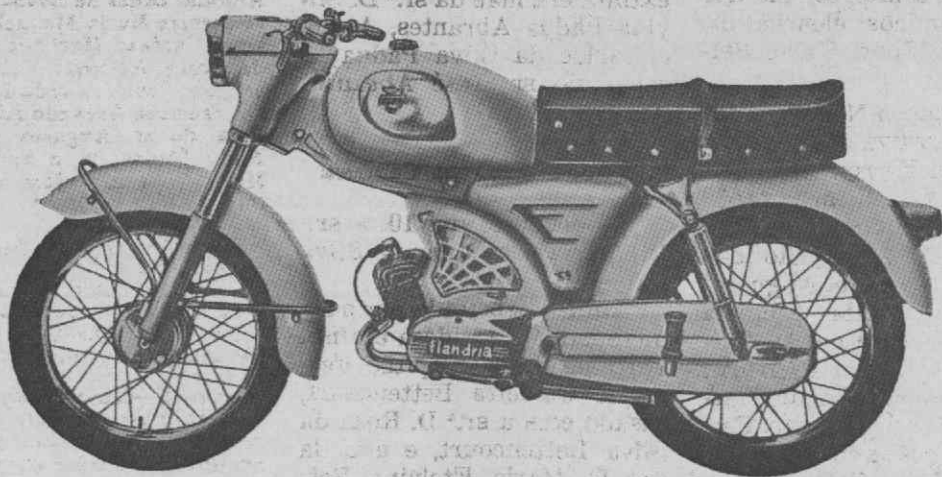
Imóvel a arrematar

Prédio sito no Muro Gordo, freguesia e concelho de Ilhavo, que se compõe, no seu conjunto, de um armazém para peixe verde e seco, outro armazém para peixe verde, um armazém para peixe em movimento, um edifício destinado a oficina, um escritório, um refeitório, um telheiro para lavagem de peixe e terreno destinado a seca de bacalhau, que é atravessado em parte pelo canal e caminho público e no seu todo confronta do norte com estrada pública e canal, sul com caminho público e José Balseiro, nascente com Antonio Nina e João Pericão e poente com a Ria, inscrito na matriz urbana sob o art.º 3162 e descrito ns Conservatória do Registo Predial sob o n.º 43280, a fls. 129, do livro B 113, que vai à praça no valor de 540 000$00 (quinhentos e quarenta mil escudos).

Aveiro, 19 de Dezembro de 1964

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

O Escrivão de Direito,
Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ Ano XI ★ 16-1-965 ★ N.º 532

Um ESCRITOR FALANDO de UMA DUPLA FAMOSA

Se outro mérito não tivesse para nós — e tem, e até muitos! — Ellery Queen teria o de ter reunido e publicado em volume todos os contos dispersos de Deshiel Hammett, num total de trinta e que a importante editora Dell Bocks lançou com alvoroço no mercado. Este é um favor que todos os apaixonados da literatura «Máscara Negra» jámais agradecerão ou esquecerão.

Mas Ellery Queen é mais do que isso. Constitui hoje, na América do Norte, uma instituição, e só por si trabalha para o cinema, para a televisão, rádio e todo o género de Imprensa. Além de que publica o inegualável «Ellery Queen Mistery Magazine» (em português: «Mistério Magazine de Ellery Queen»), editado pela Livraria Globo, de S. Paulo, Brasil), uma revista única no género, não só pela selecção de todo o material que publica como pelos seus comentários, anteriormente feitos pelo historiador Haward Haycraft, e agora por Anthony Boucher. E' um alfombre de contistas, é um descobridor de talentos, é um investigador de todo o passado da história policial, que por vezes recua até aos primeiros sintomas da civilização.

Mas quem é Ellery Queen? Eis uma pergunta a que todos sabem responder. Ninguám desconhece que «Ellery Queen» é o pseudónimo de dois primos, Frederie Dannay e Manfred B. Lee, e que ambos se iniciaram na literatura policial através de um concurso que ganharam com o livro «O Mistério do Chapéu Romano». Isto é do A B C de qualquer principiante amador de Literatura Policial. Mas convém registá-lo. Até porque nesse mesmo ano, em Londres, acontecia que Anthony Berkeley fundava o «Detection Club», que teria como presidente até à sua morte, esse Mestre que o mundo ainda admira sob o nome de Chesterton. E o facto é curioso assinalá-lo, porque se o «Detection Club» se iria especializar em dignificar a Literatura Policial, Ellery Queen fez mais do que isso, iria divulgá-la, levá-la a todos os olhos, dar-lhe uma raiz histórica que jamais poderá apodrecer. Isto leva a pensar que sobre ele pouco se fala como autor. Não seria justo. Ellery Queen tem bons romances, embora a sua técnica, fundamentada numa evolução de Conan Doyle e com influência de S. S. Van Dine, esteja hoje pouco ajustada ao gosto do leitor.

ELLERY QUEEN

visto por

ROSS PYNN

A obra de Ellery Queen, caracteriza-se, sobretudo, por uma grande base de conhecimentos. Cada livro que se lê — e por vezes até cada conto (Ellery Queen, quanto a nós, é melhor nos contos) — é uma espécie de lição. Ele diz tudo sobre o assunto tratado. (Estou a lembrar-me neste momento de «O Mistério da Cruz Egípcia» em que esgota o assunto egípcio que nada tem com o caso, e o próprio Ellery a divertir-se com isso no final). Isso, juntando a figura de Ellery Queen. E ele é o detective e autor dos seus livros), irritante, superior, cheio de cultura e com uma noiva eterna, além do pai do escritor, o Inspector Queen e do sargento Velíe, o bode expiatório, tudo isto forma uma gláxia de muitos mundos que tem todos os condimentos para interessar ao leitor.»

COORDENAÇÃO DO «INSPECTOR MONTARGIS»

ANTOLOGIA

UM CONTO DE
EDGAR POE

O Gato Preto

Sobre a veracidade da singularíssima história que vou narrar, não espero nem solicito a crença do leitor. Eu próprio nem posso acreditar no que vi. Contudo não estou doido nem certamente sonho. Vou morrer amanhã, quero hoje descarregar a consciência relatando uma série de acontecimentos cujas terríveis consequências me aniquilaram.

Durante a infância e mesmo depois era conhecido pela minha bondade que chegava a tornar-se joguete dos outros rapazes. Pelos animais tinha, então, nma particular ternura. No amor desinteressado de um animal há qualquer coisa de sublime, especialmente se o compararmos com a frágil amizade dos homens. Casei novo e tive a ventura de encontrar uma mulher que, como eu, amava os animais. Tivemos pássaros, peixes, um macaco e um gato. Chamava-se Plutão e era tão inteligente que minha mulher, aludindo à superstição popular, considerava-o como um feiticeiro disfarçado. Plutão era o meu camarada. Só comia pela minha mão, andava atrás de mim para toda a parte, e a custo impedia que ele me seguisse na rua. A nossa amizade durou muitos anos.

Mas um dia, o meu carácter, mercê da maldita influência do álcool. sofreu radical transformação. Tornei-me tristonho, irascível e comecei a brutalizar minha mulher e os meus favoritos, como é natural, sofreram também a mudança do meu carácter. Plutão inspirava-me ainda algum interesse mas aos outros nada me impedia de os maltratar. Por fim, até Plutão, que a velhice tornara maçador, sofreu os efeitos da minha metamorfose.

Uma noite, como voltasse muito bêbado, imaginei que o gato fugia de mim. Corri atrás dele, agarrei-o e o animal espantado com a minha brutalidade, mordeu-me na mão. No auge do furor, tirei um canivete da algibeira e, agarrando o pobre gato pelo cachaço, arranquei-lhe deliberadamente um olho.

Hoje horroriza-me escrever esta atrocidade. Na manhã seguinte, dissipados os fumos do álcool, o remorso entrou-me na alma. Mas depressa o afoguei com vinho juntamente com a lembrança da minha má acção. Como era natural, Plutão fugiu de mim, com terror. Então, para minha completa desgraça, nasceu em mim o espírito da perversidade, um dos primitivos impulsos do homem.

Certa manhã a sangue-frio, atei-lhe uma corda ao pescoço e enforquei-o numa árvore. Enforquei-o de lágrimas nos olhos e a mais pungente dor no coração. Na noite seguinte, despertei aos gritos de «Fogo». Tinha a casa em chamas. Do incêndio apenas escapámos eu, minha mulher e um criado. Perdemos tudo. O meu desespero foi enorme. No dia seguinte passei revista às ruínas. As paredes tinham ruído todas, excepto uma, que ficava encostada à cabeceira da minha casa. À volta dessa parede havia uma chusma de gente que comentava: «Que estranho! Que singular». Aproximando-me, vi, como um baixo relevo esculpido na parede, a figura de gato gigantesco com uma corda atada ao pescoço. Ante aquela visão fiquei aterrorizado mas lá consegui serenar. Eu tinha enforcado o gato num jardim pegado à casa. Aos gritos de alarme, o jardim foi invadido e concerteza alguém tinha atirado o gato para o quarto com o fim de me acordar. Mas nem por isso o facto deixou de me impressionar profundamente.

Quis comprá-lo ao taberneiro, mas o gato não era dele, via-o pela primeira vez. Quando voltei para casa, o animal seguiu-me e pelo caminho, baixei-me para o acariciar. Mal chegou a casa tornou-se logo amigo de minha mulher. Isso fez-me aborrecê-lo, e o aborrecimento logo se tornou aversão. Não querendo agredi-lo fugia dele, como da peste. Isso mais o fez dedicar-se a minha mulher. Ela já me tinha chamado a atenção para a malha branca que se definia agora: tinha o feitio de uma forca. Isso me levaria a dar cabo dele se não tivesse medo. Sob essa impressão, a pouca virtude que me restava ruiu. Passei a ter sinistros pensamentos, odiei a humanidade; e minha mulher, que nunca se qeixava, era a minha vítima paciente. Um dia, por causa de qualquer trabalho doméstico acompanhei-a ao subterrâneo da velha casa para onde a pobreza nos levou. O gato seguiu-nos. Desesperado levantei o machado e tinha-o atingido se ela não me segurasse a mão. Enfurecido soltei o braço e descarreguei uma machadada na cabeça de minha mulher, que caiu morta a meus pés, sem soltar um gemido.

Assim que cometi o terrível assassínio pensei logo na forma de o encobrir. Não podia tirar o corpo de casa sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos... Finalmente concebi um plano que me pareceu o melhor: Resolvi entaipá-lo na parede como diziam que os frades da idade média entaipavam as suas vítimas. O subterrâneo parecia feito para esse fim...

Quando acabei o macabro trabalho, o gato tinha desaparecido.

A Justiça ainda fez investigações mas nada descobriu. No quarto dia após o crime os agentes voltaram inesperadamente para procederem a novas investigações. Revistaram tudo, e pela terceira vez, descemos ao subterrâneo. Iam já a retirar-se sem nada encontrar, quando eu resolvi dizer qualquer coisa que provasse a minha inocência.

Quando já iam a subir a escada disse:

— Meus senhores, desejo-lhes saúde e um pouco mais de cortezia. Como vêem esta casa é muito bem construída, tem sólidas paredes,,,

E, levado por uma doida fanfarronice, bati violentamente com a bengala justamente na parede onde jazia o cadáver de minha mulher. Ao eco da bengalada juntou-se uma voz que veio do fundo do túmulo, gemido primeiro, como o vagido duma criança e depois um grito prolongado, urro, guincho meio de horror, meio de triunfo, que podia partir do inferno.

Dizer quais foram os meus pensamentos, seria loucura. Os polícias ficaram imóveis e petrificados de terror, mas essa atitude pouco durou. Em breve uma dúzia de braços robustos atacou a parede, que cedeu, e o corpo ensanguentado de minha mulher apareceu aos olhos dos espectadores daquela cena. Empoleirado na sua cabeça, com a guelra vermelha dilatada, os olhos chamejantes, estava o gato medonho cuja astúcia me levara ao crime e cuja voz acusadora ia entregar-me ao carrasco.

O monstro tinha ficado também entaipado no túmulo.

Pode haver crime esquecido, ou mal investigado, mas nunca perfeito.

ROSS PYNE

Contribuição para o Estudo do POLICIARIO EM PORTUGAL

Por JOSÈ CAMINHA

I — Inéditos de Fernando Pessoa

Quando se compilar a História da Literatura Policial Portuguesa, desde O Mistério da Estrada de Sintra, de Eça e Ramalho, até à Pequena História Macabra, de Lima da Costa, reeditada recentemente por dois hebdomadários nacionais, muitas pessoas bem ou razoàvelmente informadas da causa literária portuguesa poderão ser surpreendidas com a recolha de algumas obras interessantes e valiosas que hoje se encontram desoladoramente quase desconhecidas do público.

O caso mais gritante será o de Fernando Pessoa. A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira cita cinco originais do Poeta, considerados do género policial, que nunca foram publicados: Quaresma Decifrador; O Pergaminho Roubado; O Caso Vargas; O Roubo dos Capelistas e O Caso da Janela Estreita. Não são conhecidas — ou nós as desconhecemos — as razões editoriais ou outras que dificultam a divulgação desses trabalhos do nosso clássico; respeitáveis que sejam, cumpre-nos apontar o insólito facto e lamentá-lo por que, sem qualquer razão aparentemente aceitável para o público, este se vê privado da sua leitura e apreciação.

A obra excepcional que nos deixou o autor de Ode Marítima e Mensagem perpermite-nos interferir com legítimo fundamento que o ineditismo daquelas produções do genial Poeta empobrece a Literatura Policial Portuguesa; coibe a documentação plena do seu notável exemplo em abordar uma modalidade literária que não dispõe favoràvelmente muitos espíritos cultos; impede as análises crítica e estudiosa das construções, raciocínios, estilo e processos narrativos utilizados e possivelmente atrasa a evolução do género na medida em que furta aos seus cultores contacto direccto com as sementes fecundas que os talentos raros espalham com particular mestria em todas as suas criações, mesmo quando os temas abordados têm o cunho despretensioso de uma experiência ou ensaio destinado a treino de estilo. Vamos mesmo mais longe: afirmamo-nos inteiramente convictos de que a escamoteação desses escritos (falamos com a franqueza precisa e rude de adepto da salutar actividade que entre nós visa a dignificação do género policial) representa a senegação pura e simples de toda uma escola literária de características que adivinhamos vincamente nacionais, isto por que, sabendo-se como o génio é essencialmente criador — e por isso mesmo de natureza rara ou invulgar — logo podemos aduzir que Fernando Pessoa não se sentiria predisposto a imitar vulgares figuras dos mestres da ficção policial, tratando-se embora de meras experiências, diversões ou entreinamentos. Aliás, mesmo se o fizesse, as obras possuiriam inevitàvelmente particularidades de carácter, primores de estilo — o cunho insubmisso do vivificadores de um surto de Literatura Policial rico de novos aspectos — razão justificativa da fraqueza das nossas palavras.

Embora tenhamos como desnecessário qualquer esclarecimento sobre a posição assumida, desejamos, todavia, frisar que durante a explanação dos nossos pontos de vista não nos moveram animosidades pessoais contra quem quer que seja nem tão-pouco pretendemos constestar quaisquer razões legais, porventura justas e legitimas dos actuais proprietários ou depositários da obra literária de Fernando Pessoa. O que intentámos, isso sim, foi solicitar à propriedade particular o direito que à Nação assiste de requerer a desfrutação de um património que deixou de interessar sòmente a uns quantos para se tornar herança moral de um Povo.

II — Esparsos de Reinaldo Ferreira e outros

Reinaldo Ferreira, mais conhecido pelo pseudónimo de Repórter X, é outro caso especialíssimo. Grande volume dos seus escritos andem por aí aos rebolões, esparsos por jornais ou revistas e estão quase perdidos para o público que não viveu na sua época e já vai deixando de ouvir falar do ritmo febril a que se consumiram vida e obra de um dos mais dinâmicos jornalistas do seu tempo.

Seleccionar e fazer publicar em edições populares os seus escritos de índole policial era um generoso serviço que se prestaria à Literatura Policial Portuguesa.

Um conto de Vitor Palla e O Clube dos Anões, de Francisco Branco, premiado pelo Mystery Magazine, dos escritores americanos Ellery Queen, assim como a citada Pequena História Macabra, de Lima da Costa, e A Missa Negra de São Saturnino, de Joel Lima, pequeno conto-enigma que é uma autêntica obra-prima no seu género, seriam trabalhos que o público certamente gostaria de apreciar e conhecer melhor e a História da Literatura Policial Portuguesa, quando for elaborada, não deixará de referir.

III — Problemática Policial

Mas a revelação mais inesperada, mesmo para o próprio historiador, será eventualmente proporcionada pelo contacto com a problemática detectivesca portuguesa, ramo destacado, menor, da Literatura Policial, constituído por enigmas e contos que são excelentes testes para o raciocínio e proporcionam aos decifradores lições práticas, vividas por intermédio da elaboração- de soluções-exposições que de certo modo fomentam o aparecimento de mentalidades esclarecidas e prevenidas contra a delinquência, estabelecendo directa identificação com o espírito da Lei, da Justiça e da Verdade.

Ao desfolhar revistas e jornais da nossa Imprensa regional o historiador deparará aqui e além com trabalhos quase anónimos, por vezes de valores técnico e literário bem equilibrados, que são pequenas maravilhas de engenho e raciocínio, como o Crime dos Clássicos; O Clube dos Anões e dos Gigantes, primeiro prémio do IV Torneio Nacional de Problemística, organizado pelo Clube de Literatura Policiária; outro protótipo, embora talvez menos perfeito literàriamente, é o problema Quem Vou Matar?, do mesmo autor, que mereceu outro prémio outorgado por aquela colectividade.

E a surpresa dará lugar a admiração justificada quando o historiador descobrir outro género de enigmas curtos de temática essencialmente cultural, dirigidos especialmente a leitores juvenis, surto de problemas de raciocínio que consideramos único e de divulgação inédita em qualquer outro país — o que serve de homenagem ao obreiro que não citamos.

IV — Do Termo Policiário

Tendo utilizado propositadamente o neologismo que intitula o presente estudo e

Continua na página 6

Campeonato Nacional da II Divisão

NO 13.º DIA

Vila Real, 2 . . . Peniche, 8
Leça, 1 . . . . Beira-Mar, 2
Sanjoanense, 1 . . Covilhã, 1
Lamas, 2 . . . . Feirense, 0
Famalicão, 1 . . Oliveirense, 0
Espinho, 4 . . . Boavista, 3
Marinhense, 0 . . Salgueiros, 0

TABELA DE PONTOS

Equipas	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	13	8	4	1	27-12	20
Salgueiros	13	5	7	1	16-6	17
Covilhã	13	6	3	4	27-16	15
Leça	13	6	3	4	26-16	15
Peniche	13	6	3	4	26-19	15
Sanjoanense	13	5	5	3	17-11	15
Marinhense	13	5	5	3	11-12	15
Famalicão	13	5	4	4	13-16	14
Oliveirense	13	5	2	6	17-16	12
Boavista	13	4	3	6	18-19	11
Lamas	13	3	5	5	13-24	11
Espinho	13	4	2	7	19-23	10
Feirense	13	3	4	6	18-24	10
Vila Real	13	0	2	11	11-46	2

O fecho da primeira volta estava de rodeado de natural interesse, sobretudo porque se defrontavam entre si os grupos que ocupavam os postos cimeiros — no que diz respeito à luta pelo título; e também porque quatro das equipas mais inquietas, com ingratas classificações, ficaram emparceiradas em lutas directas...

A jornada treze, que já passou à história, foi aziaga para alguns concorrentes, talvez a confirmar os supersticiosos prognósticos de muitos desportistas; mas foi, ao mesmo tempo, um verdadeiro «mar de rosas» para muitos outros...

Vejamos. Salgueiros e Covilhã, como visitantes, alcançaram excelentes empates, na Marinha Grande e em S. João da Madeira. Mas ambos se atrasaram, em relação ao leader — o mesmo sucedendo, òbviamente, ao Marinhense e à Sanjoanense, as turmas forçadas a cederem as divisões de pontos. Anote-se que os salgueiristas têm vindo a conseguir magníficos empates (levam sete, em treze jogos!), mercê do pendular comportamento da sua defesa, que foi batida sòmente seis vezes, o que é notável.

Em consequência das igualdades a que aludimos, o Beira-Mar — que torneou vitoriosamente a sua deslocação ao campo do terceiro classificado, impondo à aguerrida equipa do Leça a sua primeira derrota caseira — consolidou a sua posição de guia. Os auri-negros, confirmando uma velha tradição, não perderam no Dia de S. Gonçalinho. E a excelente vitória que obtiveram garantiu-lhes confortável avanço de três pontos sobre o segundo classificado (Salgueiros) e de cinco pontos sobre o lote de terceiros, que são, por ordem do saldo entre golos marcados e sofridos: Covilhã, Leça, Peniche, Sanjoanense e Marinhense.

Repare-se, agora, no expressivo êxito do Peniche em Vila Real, que passou a ser a goleada «record» da prova. Os penichenses excederam as previsões gerais — e o seu ataque passou a ombrear com os melhores: 26 golos, tantos cmo o do Leça, e apenas menos um que os do Beira-Mar e Covilhã, que contam com 27.

Ficaram mais apegados à lanterna vermelha os transmontanos, cada vez com menos hipóteses de a trespassarem. Mas há um grupo de equipas intranquilas, postadas nas imediações do décimo terceiro lugar, que também implica despromoção. Laboriosamente, Lamas e Espinho ganharam, à tangente, ao Feirense e ao Boavista. Ficaram os quatro empatados dois a dois: Boavista e Lamas, com 11 pontos, e Espinho e Feirense, com 10.

Ainda na segunda metade da tabela, figuram o Famalicão (8.º) e a Oliveirense (9.º), que jogaram entre si no domingo. Os famalicenses têm 14 pontos, e os oliveirenses 12 — pelo que também não se encontram inteiramente livres.

Amanhã, principia a segunda volta, com a décima quarta jornada, em que incluem os seguintes desafios:

Espinho — Marinhense (0-1)
Famalicão — Boavista (0-2)
Lamas — Oliveirense (0-2)
Sanjoanense — Feirense (2-0)
Leça — Covilhã (0-2)
Vila Real — Beira-Mar (1-5)
Peniche — Salgueiros (0-0)

LEÇA, 1 - BEIRA-MAR, 2

Transcrevemos aqui, com a devida vénia, os comentários que o «Record» publicou, no seu número de terça-feira, acerca do jogo Leça — Beira-Mar.

São da autoria do correspondente daquele conhecido Jornal lisboeta A. Cunha, e vinham precedidos do seguinte título: **O primeiro classificado ganhou com naturalidade.**

FICHA DO JOGO

Jogo em Leça da Palmeira.

Árbitro — Diogo Manso, da Comissão Distrital de Braga.

Leça — *José Henriques; Gentil, Peixoto e Pinhal; Albano e Serrão; Carriço, Feijão, Ramos, Martinho e Rato.*

Beira-Mar — *Adelino; Girão, Liberal e Evaristo; Brandão e Pinho; Miguel, Diego, Gaio, Fernando e Garcia.*

Se houvesse ainda necessidade de demonstrar quanto a «cabeça» e a serenidade são influentes num jogo de futebol, aí teríamos, como exemplo, este encontro entre leceiros e aveirenses. É que a verdade do jogo, aquela que aflora no fim do tempo regulamentar, veio a dizer-nos que a única realidade foi a vitória da turma que menos batalhou por ela.

Sem dúvida alguma que os locais fizeram do ímpeto a sua arma principal e tiveram um período em que a pouca sorte foi notória. Os visitantes, porém, cientes das realidades, souberam suster o entusiasmo dos leceiros e revelar uma argúcia que se traduziu num processo de contra-ataque que veio a ser fatal ao adversário.

Ainda voltaram os de Leça, no começo da segunda parte, a patentear a sua desmedida ambição; mas os aveirenses, fiéis ao seu processo, reeditaram o seu sistema de marcação de modo que os locais, extenuados — física e psicològicamente — entraram a oscilar, vindo a ser vítimas de si próprios, num jogo em que a vitória veio a caber à equipa mais astuciosa.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 20 DO TOTOBOLA

24 de Janeiro de 1965

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	PORTUGAL — TURQUIA	1		
2	Avintes — Freamunde		x	
3	Progresso—Vilanoven.			2
4	Tirsense — Amarante	1		
5	Anadia — Albo	1		
6	N. Soure — Marialvas	1		
7	Caparica—Ginásio Sul	1		
8	A. Bilbau — Saragoça		x	
9	Córdova — Las Palmas	1		
10	Múrcia — Barcelona			2
11	Corunha — A. Madrid			2
12	Levante — Bétis	1		
13	Sevilha — Valência	1		

Remates... GOLO!

1-0 Liberal anulou, cedendo canto, uma tentativa de Martinho. Marcada a falta, por Rato, RAMOS saltou com Adelino e cabeceou vitoriosamente. Iam decorridos 11 minutos de jogo.

1-1 Num falhanço de Peixoto, aos 25 m., Diego apossou-se da bola, correu e centrou, para Gaio, que tocou o esférico, de cabeça, para GARCIA. Este surgiu com oportunidade, embora acossado por Albano, rematando de pronto e levando a bola às malhas.

1-2 Aos 32 m., num pontapé de Pinho, a bola escapou a Fernando e fugiu também a um defensor leceiro, que a tocou precipitadamente, colocando-a ao alcance de DIEGO, que não desperdiçou o ensejo e rematou sem possibilidades de defesa para José Henriques.

SUMÁRIO DISTRITAL

I Divisão

Resultados da 16.ª jornada

Paços de Brandão - Alba . . 2-0
Cesarense - Esmoriz. 2-1
Anadia - Ovarense 1-1
Valecambrense - Recreio . . 0-1
S. João de Ver - Estarreja . 5-1
Bustelo - Arrifanense 0-2
Cucujães - Lusitânia 0-1
Cesarense - P. de Brandão . 1-3
Bustelo . Oliveirense 0-3
Sanjoanense-A - Valecambren. 2-1

Principiantes

Resultados da 10.ª jornada

Série A

Anadia - Mealhada 0 0
Ovarense - Beira-Mar 1-1
Recreio - Estarreja 7-2

Série B

Espinho - Sanjoanense. . . . 2-3
Bustelo - Valecambrense . . 1-0
Oliveirense - Feirense 0-2
Cucujães - Lamas 2-1

Reservas

Resultados da 10.ª jornada

Espinho - Cucujães 7-0
Feirense - Oliveirense . . . 1-1
Ovarense - Lamas 1-0
Valonguense - O. do Bairro . 3-1

Juniores

Resultados da 15.ª jornada:

Série A

Beira-Mar - Anadia 0-1
Sanjoanense-B - Vista-Alegre. 0-3
Estarreja - Alba 1-4
Ovarense - Espinho 4-0
Mealhada - Recreio 5-0

Série B

Arrifanense - Cucujães . . . 2-4
S. João de Ver - Feirense . . 0-3

Jogo entre Populares

No passado domingo, no Estádio de Mário Duarte, o Clube Desportivo de Aveiro derrotou por 4-3 o Futebol Clube da Feiteira, do Troviscal.

A equipa aveirense utilizou o concurso dos seguintes elementos;

Rosas; A. Vinagre, Alberto e Rafael; Albino e Armando; Fernando, Jaime, Jorge, Lino e Pinho (Fausto).

Basquetebol

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Começou no sábado a disputa da fase metropolitana (zona norte) do Campeonato Nacional da I Divisão, apurando-se triunfos caseiros dos quatro grupos visitados.

Marcas da jornada:

Illiabum — Guifões 56-37
Sanjoanense — Naval 67-65
Porto — Marinhense 52-19
V. da Gama—Académica 53-42

As turmas de Aveiro tiveram auspicioso comportamento, vencendo os seus jogos. Os campeões distritais ganharam folgadamente ao terceiro grupo portuense; enquanto a Sanjoanense apenas logrou uma «ceata» de vantagem sobre os figueirenses, segunda equipa de Coimbra. Assinalável a elevada marcação do prélio de S. João da Madeira, em que o veterano Manuel Pinho replicou, com 32 pontos, aos 41 pontos obtidos por Vítor, na Naval 1.º de Maio.

Os portistas ganharam com naturalidade, aos incipientes e pouco rodados campeões de Leiria; e, no outro encontro efectuado no Porto, o Vasco da Gama conquistou a mais significativa vitória da jornada, ante a Académica — este ano com turma menos valiosa que nas épocas anteriores.

No prosseguimento da prova, o calendário indica os seguintes jogos:

HOJE

Guifões — Vasco da Gama
Académica — Sanjoanense
Naval — Porto

Continua na página 6

PREPARANDO UMA PROVA FAMOSA

VOLTA a PORTUGAL em BICICLETA

Da Comissão Organizadora da 28.ª Volta a Portugal em Bicicleta, uma famosa prova velocipédica que tem andado divorciada de Aveiro (acabará o «divórcio» este ano?), recebemos o comunicado informativo que a seguir publicamos:

Reatando uma tradição, o «Diário de Notícias» e o «Mundo Desportivo», agora com a companhia do «Jornal de Notícias», do Porto, e com a colaboração da Cidla, vão organizar o Volta a Portugal em Bicicleta. Trata-se da 28.ª edição duma competição desportiva que, pelo seu cunho especial, desperta em todo o país uma onda de avassalador entusiasmo e vibração, constituindo um espectáculo popular de verdadeiro interesse nacional.

A realização desta prova é, como todos sabem, deveras complexa e ao tomar a sua responsabilidade, os organizadores estão absolutamente conscientes do esforço que demanda. E antes de mais, por isso mesmo, queríamos acentuar uma palavra de apreço e admiração por quantos, entidades desportivas ou particulares, organizaram a prova nos últimos anos. Pela nossa parte e sancionado pela Federação Portuguesa de Ciclismo o nosso propósito de retomar a organização da grande prova, tudo faremos para que a Volta mantenha a projecção alcançada e, se possível, a ultra-

Continua na página 6

Ano XI • N.º 532
16 de Janeiro de 1965
AVENÇA